



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – CAMPUS SOROCABA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS – CCHB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO – DCHE

HELOÍSA COES SILVEIRAS

**Educação na Pandemia: Experiências com os anos iniciais do ensino  
fundamental em escolas da cidade de Sorocaba**

Sorocaba - SP

2023

HELOÍSA COES SILVEIRAS

**Educação na Pandemia: Experiências com os anos iniciais do ensino  
fundamental em escolas da cidade de Sorocaba**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba como parte dos requisitos necessários para a conclusão da graduação no curso de Pedagogia, pertencente ao Departamento de Ciências Humanas e Educação - DCHE.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosa Aparecida Pinheiro

Sorocaba - SP

2023

À minha mãe, por ter lutado pela minha educação mesmo com todas as dificuldades e desafios que surgiram no caminho, por ter me incentivado em cada passo antes e durante a minha formação, e por sempre dizer que eu conseguiria.

*"A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem."*

(Paulo Freire)

## RESUMO

SILVEIRAS, Heloísa Coes. **Educação na Pandemia: Experiências com os anos iniciais do ensino fundamental em escolas da cidade de Sorocaba.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

O presente trabalho é a culminação de um percurso acadêmico, delineando as memórias de uma estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - *Campus* Sorocaba, durante o desenrolar da pandemia da Covid-19. As experiências se passaram nos anos iniciais do ensino fundamental, em duas escolas distintas – uma pública e outra particular – da cidade de Sorocaba, localizada no interior do estado de São Paulo. O foco da pesquisa reside na análise das abordagens adotadas por cada instituição no contexto da pandemia, delineando as nuances da educação durante esse período desafiador. Têm-se como propósito fomentar a reflexão sobre o valor dessas experiências para o crescimento e desenvolvimento da autora como futura educadora. A metodologia empregada compreende uma incursão pelas lembranças, permitindo a recuperação das experiências passadas além da análise cuidadosa dos relatórios gerados ao longo dos estágios obrigatórios e não obrigatórios, bem como os relatos produzidos durante o Programa de Residência Pedagógica, e como todos esses contribuíram para o enriquecimento da abordagem investigativa.

**Palavras-chave:** educação; pandemia; ensino remoto; anos iniciais.

## **ABSTRACT**

The present work is the culmination of an academic path, outlining the memories of a student of the Pedagogy course at the Federal University of São Carlos - Campus Sorocaba, during the unfolding of the Covid-19 pandemic. The experiences took place in the early years of elementary school, in two different schools – one public and the other private – in the city of Sorocaba, located in the interior of the state of São Paulo. The focus of the research lies on analyzing the approaches adopted by each institution in the context of the pandemic, outlining the nuances of education during this challenging period. The purpose is to encourage reflection on the value of these experiences for the author's growth and development as a future educator. The methodology employed comprises a foray into memories, allowing the recovery of past experiences in addition to the careful analysis of the reports generated during the mandatory and non-mandatory internships, as well as the reports produced during the Pedagogical Residency Program, and how all of these contributed to the enrichment of the investigative approach.

**Keywords:** education; pandemic; remote teaching; early years.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nome do projeto.....	35
Figura 2 – Introdução aos áudios dos estudantes.....	35
Figura 3 – Frases dos professores da EJA.....	36

## LISTA DE ABREVIATURAS

PRP	Programa de Residência Pedagógica
HTPC	Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
OMS	Organização Mundial da Saúde
EJA	Educação de Jovens e Adultos
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
INESC	Instituto de Estudos Socioeconômicos
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IES	Instituição de Ensino Superior
ANPs	Atividades Não Presenciais
SUS	Sistema Único de Saúde
PNE	Plano Nacional de Educação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 O MEMORIAL ACADÊMICO</b> .....	15
<b>3 MEMÓRIAS DA PANDEMIA</b> .....	19
3.1 Estágio não-obrigatório .....	19
3.2 Programa de Residência Pedagógica .....	26
3.2.1 Projeto Alfa de Beto Letra .....	30
3.2.2 Atividade desenvolvida durante o horário do HTPC .....	31
3.2.3 Projeto Saúde e Cidadania .....	33
3.2.4 Estágio obrigatório .....	36
<b>4 OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS</b> .....	41
4.1 A importância da socialização na infância para a criança .....	41
4.2 E quem pensa no professor?.....	45
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

Percorrendo as memórias da educação durante a pandemia da Covid-19, foi possível construir este memorial trazendo minhas experiências em duas escolas da cidade de Sorocaba, localizada no interior do estado de São Paulo.

Sabendo que a educação universal, pública e gratuita é um direito previsto pela Constituição de 1988, sendo então de responsabilidade do Estado oferecê-la para todas as pessoas em idade de escolarização, a pandemia nos colocou em uma situação de precariedade em diversas vertentes, não sendo diferente no campo educacional. Muitas crianças e adolescentes, assim como estudantes da Educação de Jovens e Adultos, ficaram sem acesso à educação, à escola e sem contato com seus professores, visto que o processo educativo durante a pandemia aprofundou o caráter segregatório e elitista que já apresentava.

Em dezembro de 2019, o primeiro caso de Sars-Cov-19 foi identificado em Wuhan, na China, revelando um vírus transmitido principalmente por gotículas de saliva, ou seja, por meio da fala, respiração, tosse, espirro e, até mesmo, pelo ar. Esse vírus apresentava alta taxa de transmissibilidade e gravidade, o que obrigou a população a adotar mudanças radicais em suas rotinas, seguindo, quando possível, as normas e recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para reduzir a disseminação e o crescimento exponencial de novos casos da doença.

Uma das principais recomendações da OMS foi o isolamento social, considerado o método mais efetivo para conter a propagação do vírus. Entretanto, ao mesmo tempo, essa medida trouxe mudanças abruptas e inesperadas, afetando profundamente as famílias brasileiras. O isolamento social implicou no fechamento de muitos estabelecimentos, incluindo creches e escolas, além de restrições ao comércio e ajustes na jornada de trabalho. Para alguns, surgiu uma nova possibilidade/modalidade de trabalho: o *home office*.

Os primeiros meses da pandemia trouxeram inúmeras transformações, e foi essencial uma rápida adaptação à nova realidade. O cenário, marcado pelo isolamento social, pela queda da economia, pelo desemprego, instabilidade econômica, pela perda de familiares, além do medo e da incerteza, afetou emocionalmente as pessoas de uma maneira até então desconhecida. As mudanças

resultaram em danos significativos à saúde mental e ao comportamento psicossocial de crianças, adultos e idosos.

Com o fechamento das escolas, as crianças e adolescentes ficaram sem acesso à educação, até que as escolas pudessem se organizar e planejar, pensando em formas de ofertar a aprendizagem em meio a todos os acontecimentos. Foi-se encontrada como solução: a modalidade de ensino remoto, que possibilitou a conexão entre alunos e professores novamente. Essa modalidade foi proposta de diferentes formas em cada escola, mas o padrão que se via era de escolas que se comunicavam através do aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, com grupos da comunidade escolar, de professores, de turmas com professores e alunos, ou até mesmo de pais e professores, no caso das crianças mais novas. Via-se também escolas que se organizavam através de plataformas do *Google*, com aulas ao vivo pelo *Google Meet* e com postagens de atividades, vídeos, fotos e livros pelo *Google Classroom*.

Pensando neste contexto educativo durante a pandemia, procuro trazer neste presente trabalho experiências que tive em duas escolas da cidade de Sorocaba com esse formato de ensino, além de procurar promover a reflexão através das memórias; percorrer por elas e pensar na educação que foi proposta por cada escola dentro das suas possibilidades.

Para entender melhor a reflexão a partir das memórias a serem compartilhadas, é importante entender o papel da escola no desenvolvimento social das crianças. António Nóvoa (2006, p. 8), em seu trabalho sobre escola e cidadania, cita as duas vocações da escola: "o social" e "a aprendizagem". O autor apresenta a ideia da "escola de duas velocidades", que engloba duas abordagens distintas. De um lado, temos uma escola que desempenha puramente papel social, um centro de acolhimento, enfatizando a importância da cidadania e da participação. E em contraste, há uma outra escola centrada na aprendizagem através das tecnologias, destinada a formar uma elite privilegiada, classes "superiores".

"A escola no centro da colectividade remete para uma instituição fortemente empenhada em causas sociais, assumindo um papel de "reparadora" da sociedade; remete para uma escola de acolhimento dos alunos e, até, de apoio comunitário às famílias [...]" (NÓVOA, 2006, p. 8).

Enquanto "A escola como organização centrada na aprendizagem sugere uma valorização da arte, da ciência e da cultura, enquanto elementos centrais de uma

"sociedade do conhecimento"." (NÓVOA, 2006, p. 8). Não posso deixar de pensar que essas duas velocidades que cita Nóvoa em seus trabalhos deveriam se encontrar, e ser uma escola com velocidade única, com a interação entre as duas vertentes.

A "escola com velocidade única", ou melhor, a concepção de educação, que defendo começou a ser constituída no princípio da minha formação inicial, na educação infantil. Minha primeira interação com o ambiente escolar ocorreu entre meu primeiro e segundo ano de vida, mas foram os anos subsequentes que deixaram uma marca profunda e que ainda carrego como referência. Aos três anos de idade, entrei em uma escola particular que ficava perto da minha casa, uma pequena "escolinha" de bairro que abrangia o berçário e a educação infantil, crianças de 0 a 5 anos. Porém, no qual seria o meu último ano na educação infantil, a escola optou por acrescentar uma turma a mais do antigo Pré, e nos manter por mais um ano para que entrássemos direto em turmas que já tivessem passado pelas mudanças, pois o sistema educacional brasileiro estava em mudança de nomenclatura das etapas de ensino de "séries" para "anos" como parte da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sendo assim, tive a oportunidade de permanecer nessa escola até os seis anos de idade. Foi nesse ambiente que tive a oportunidade de crescer e me desenvolver de maneira serena e no meu próprio ritmo, com metas focadas principalmente na autonomia e no respeito.

Memórias negativas dessa fase simplesmente não me vêm à mente; o que permanece são as lembranças de brincadeiras, momentos de conversa, músicas e outras atividades lúdicas do cotidiano. Dentro dessa experiência, tive algumas professoras que também se destacaram na memória por razões semelhantes. Em suas aulas, proporcionavam espaços seguros para expressão, eram acolhedoras e incentivavam a exploração e a experimentação. Além disso, sempre nos impulsionavam para a conquista de pequenos objetivos diários, estimulando-nos a sentir que éramos capazes. Foi com elas, entre os três e cinco anos de idade, que fui alfabetizada, aprendi a ler e escrever dentro desse ambiente que estava sempre incentivando a curiosidade e a autonomia.

Ao mesmo tempo em que tive exemplos de uma escola e professores acolhedores, tive experiências que me marcaram de forma negativa, e que levo

como exemplos de situações que não deveriam acontecer com os alunos, pois é importante defender de todas as formas o respeito às crianças, que precisam lidar muitas vezes desde cedo, frequentemente, com abusos psicológicos e desrespeitos. A escola deve ser um lugar onde a criança sempre será respeitada e escutada, onde seus direitos serão sempre cumpridos. Uma das memórias desfavoráveis remonta à minha infância, quando eu tinha oito anos e frequentava o terceiro ano do ensino fundamental. Durante esse período, minha mãe, professora do município, trabalhava o dia inteiro e precisava que eu permanecesse na escola em tempo integral. Isso não me incomodava, graças à maravilhosa experiência que tive na educação infantil, de fato adorava o ambiente escolar. No entanto, durante esse tempo, tive que lidar com profissionais que tratavam as crianças de maneira rude.

Em determinado dia, uma das profissionais direcionou sua atenção a mim, uma criança de apenas oito anos, que era provavelmente pelo menos dez anos mais nova que ela. A mesma me rotulou como "chata" e chegou a mencionar que eu era insuportável. A partir desse momento, a maneira como eu via o ambiente escolar sofreu uma mudança significativa, além de complicar a situação psicológica da minha mãe, que já se sentia mal por precisar que eu frequentasse a escola em período integral.

Pensando nisso, considero a escola como sendo um espaço onde a criança, principalmente, aprende a conviver e respeitar o outro, para além das questões pedagógicas que envolvem matérias e conteúdos diversos. Para que a escola possa possibilitar esse aprendizado, ela deve primordialmente pensar nas crianças como indivíduos e respeitá-las, dar a elas espaços de fala, voz, e mostrar que sempre serão ouvidas, que a sua opinião importa, e que a escola é e sempre será um local seguro a elas.

No decorrer das experiências trazidas, pensava na educação brasileira como caracterizada pela divisão entre escolas de elite, com acesso a diversos recursos e professores "mais qualificados", caracterizados dessa forma por conta do acesso a cursos de extensão, pós-graduações, dentre outros, que muitas vezes são incentivados e até mesmo financiados pelas próprias instituições nas quais trabalham, e escolas em áreas mais pobres, que sofrem com falta de infraestrutura, recursos e seus professores não tendo as mesmas oportunidades e incentivos, mas não pude deixar de pensar que entre essas extremidades que existem no país

encontramos muitas outras formas de educação, e é nesse meio que se encontram as minhas experiências presentes neste trabalho. Cada uma delas, com suas particularidades, mostraram que o ensino vai muito além da característica de ser "bom" ou "ruim".

É importante ressaltar que as experiências vividas nos estágios com o Ensino Fundamental e que são relatadas neste trabalho, de forma mais detalhada posteriormente, representam dois extremos, mas pensando e relacionando-os às particularidades da cidade de Sorocaba. O Ensino Fundamental I, 1º ao 5º ano, envolve crianças com idades entre 6 e 10 anos, além de jovens e adultos que estão presentes na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), que também se enquadra na etapa do Sistema de Ensino. As memórias relatadas neste trabalho se concentram nos anos da mesma.

Para além da divisão das duas velocidades, pensando nas escolas que são trazidas nas experiências deste memorial, encontramos diversas outras, causando uma desigualdade de oportunidades de aprendizagem entre os alunos ainda mais diversificada do que se possa imaginar. Essa situação se tornou mais evidente durante a pandemia, com o ensino remoto exacerbando as desigualdades educacionais e agravando a exclusão social de estudantes com menos ou até mesmo sem acesso ao mundo *online*.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) em 2021, pode-se entender que a pandemia incrementou a desigualdade no Brasil, mostrando de diversas formas ao que e o quanto as pessoas têm acesso, seja à alimentação, à saúde ou à educação. Tomarei como foco neste trabalho o como vivenciei e observei o acesso à educação na pandemia, pensando que esse foi diretamente ligado ao acesso à *internet*, trazendo um memorial relacionado à educação durante a pandemia nas duas escolas da cidade. Experiências das quais pude fazer parte como estudante do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - *Campus Sorocaba*.

Para a construção do trabalho utilizei a metodologia memorial, para o qual revisei minhas memórias da pandemia relacionadas aos estágios, às sensações vividas, às conversas com as pessoas que eu tinha contato, independente destes terem ocorrido no ambiente físico ou virtual, me permitindo acessar informações que haviam se perdido. Tive a oportunidade também de reler relatórios de estágio,

portfólios, relatos do Projeto de Residência Pedagógica (PRP), além de atividades realizadas como forma de auxílio aos professores que acompanhei. Com isso, espero ao longo da escrita poder refletir acerca do quanto essas experiências influenciaram e ainda influenciam em minhas práticas pedagógicas, e quanto ambas, com suas particularidades, auxiliaram em meu processo de formação como educadora.

## 2 O MEMORIAL ACADÊMICO

Pensando nas duas experiências que trarei a seguir e tendo a oportunidade de observar seus processos e formas de ensino durante a pandemia, senti a necessidade de trazer este tema à tona e produzir meu trabalho de conclusão de curso em um formato que possibilitasse o compartilhamento dessas experiências e do quanto elas acrescentaram em meu processo formativo como educadora.

Em relação à estrutura em si, acreditava ser possível somente o formato tradicional de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), a monografia, e apresentei algumas dificuldades para conseguir iniciar a escrita do texto, visto que o meu tema e material possuíam algumas defasagens para tal formato de escrita. Percebi que eu não poderia trazer todas as informações sobre as escolas nas quais tive essas experiências, então, precisei entender o que seria possível realizar com as informações que eu já tinha e como suprir a falta de outras dentro da construção do trabalho.

A decisão de não incluir todos os detalhes e informações sobre as escolas no texto decorreu de diversos motivos, sendo principalmente por questões legais e morais. Quando entrei na escola particular, foi solicitado que eu assinasse um termo de confidencialidade em relação às ações e metodologias da escola. Portanto, não pude mencionar no corpo do trabalho o nome da escola onde trabalhei. No entanto, a maneira como me refiro e apresento as memórias que vivi lá não revela sua identidade nem exerce qualquer influência – elas se relacionam exclusivamente com minhas próprias percepções e experiências. Como não pude compartilhar esses detalhes, há uma segunda razão relacionada a considerações morais, respeitando as escolas e o tempo que passei em cada uma delas. Apesar de ter enfrentado alguns desafios pelo caminho, elas contribuíram para minha jornada de desenvolvimento, e é essencial reconhecer esse papel.

Dada a falta de permissão para compartilhar os dados de uma escola, acreditei que não seria ético fornecer informações sobre a outra. Essa abordagem visa tratá-las igualmente no contexto deste trabalho.

Dessa forma, ao empregar as lembranças adquiridas tanto por meio da recordação pessoal quanto pela reexaminação dos relatórios de estágio dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, da Educação de Jovens e Adultos – também na modalidade do ensino fundamental –, dos relatos de módulo e das conclusões do

programa de Residência Pedagógica, fui capaz de estruturar o cerne deste trabalho, fundamentado, primordialmente, em experiências.

São diversas as abordagens para acessar memórias; além de revisitar os registros escritos, deparei-me com imagens relacionadas a atividades desenvolvidas, fotografias que captei e até mesmo vídeos criados ou gravados durante o período pandêmico. Ao reviver todos esses momentos, consegui resgatar informações em minhas lembranças que haviam se perdido, e agora estão reunidas aqui após serem reavivadas.

Após relembrar todas essas memórias, embarquei em uma pesquisa sobre as diversas abordagens e metodologias para escrever e estruturar um trabalho de conclusão de curso. Com o auxílio da minha orientadora, Professora Rosa, que me apresentou essa possibilidade, iniciei uma exploração específica sobre a metodologia memorial. Inicialmente, conduzi pesquisas introdutórias sobre a natureza de um memorial e como ele é constituído. Além disso, investiguei como as informações podem ser trazidas nesse tipo de composição.

Com a base da pesquisa estabelecida, adotei o modelo de memorial como a estrutura escolhida para desenvolver o meu trabalho de conclusão de curso. Acredito que esse formato seja o mais adequado para atender à minha necessidade de compartilhar essas experiências, bem como apresentar todas as informações de maneira coesa. Essas informações provêm tanto da memória como dos relatórios de estágio obrigatório, e também dos relatos elaborados ao final de cada módulo durante minha participação no Programa de Residência Pedagógica. A escolha desse formato reflete a minha aspiração de abordar essas experiências de maneira mais congruente e abrangente.

Mikhail Bakhtin, um dos principais teóricos da linguagem e da cultura do século XX, defende a ideia de que a linguagem é um fenômeno social e histórico, que reflete a diversidade de vozes e perspectivas presentes em uma comunidade. De acordo com Bakhtin, cada indivíduo é um ser dialógico, ou seja, está em constante diálogo com os outros e com a cultura em que está inserido, o que influencia diretamente na construção de sua identidade e subjetividade. Nesse sentido, a memória é um elemento fundamental para a compreensão da identidade e da subjetividade, pois é através dela que os indivíduos constroem narrativas sobre si mesmos e sobre sua relação com o mundo, e neste caso, sobre mim e sobre a

minha relação com a educação. O memorial, como forma de registro e preservação da memória coletiva, pode ser visto como um instrumento importante para a manutenção da identidade cultural e histórica de uma comunidade. No entanto, é importante ressaltar que a perspectiva Bakhtiniana também destaca a importância da transformação e da renovação da cultura, o que implica em uma constante revisão das narrativas e memórias que constituem a identidade coletiva. Nesse sentido, o memorial não deve ser visto como algo estático e imutável, mas como um processo contínuo de ressignificação e renovação da memória coletiva. Construir um memorial, neste caso, seria reviver, através das memórias, experiências que auxiliaram a constituir o presente e também o futuro, que ajudaram a constituir a minha visão e atuação como educadora.

A escrita sobre si, como trazem Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p. 373), pode ser considerada como um dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não-formal e informal, ou seja, passa, durante a escrita, pelo processo de interpretar aquilo que foi significativo como forma de determinar futuras ações, modos de ser. Nesse contexto, como citam Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p. 373 e 374) baseados nos trabalhos de Marie-Christine Josso (2004), ganham relevância os conceitos de "experiências formadoras" e "recordações referências" na construção da identidade e trajetória de um indivíduo.

Impulsionada pela reflexão sobre o percurso de formação, o trabalho que traz a escrita sobre o sujeito em si torna-se um meio pelo qual a pessoa explora e dá significado às experiências vividas. Essas vivências, sejam elas desafios superados, encontros significativos ou momentos de transição, constituem as "experiências formadoras" apontadas por Josso. Ao expressar suas memórias, o autor é levado a reviver e reinterpretar esses eventos, reconhecendo-os como elementos fundamentais na construção de sua identidade.

Essas "experiências formadoras" têm um papel essencial na determinação das futuras ações e escolhas de vida. Durante o processo de escrita sobre si, a pessoa se depara com suas "recordações referências", ou seja, as lembranças das experiências marcantes que moldaram sua forma de perceber o mundo e de se relacionar com ele. Essas memórias são como pontos de referência que orientam suas decisões e comportamentos, servindo como base para projetar o seu futuro.

A escrita sobre si, ao abordar as "experiências formadoras" e as "recordações referências", permite ao autor compreender a influência desses eventos em sua trajetória acadêmica e profissional. O ato de refletir sobre essas experiências é uma forma de autoria que ajuda a construir a narrativa de sua identidade e caminho percorrido. Ao dar voz às experiências e memórias significativas, pode-se consolidar uma perspectiva mais clara de suas motivações, valores, e objetivos, possibilitando a tomada de decisões mais conscientes e direcionadas. Torna-se uma oportunidade para interpretar e compreender as experiências vividas, constituindo-se como um recurso tanto na construção identitária quanto no planejamento de trajetórias de formação e crescimento profissional.

Ao trilhar o caminho das experiências, agora falando mais especificamente no que diz respeito às produções escritas, deparei-me com uma notável percepção de evolução. Ao acessar os documentos elaborados próximo à metade da minha jornada acadêmica e compará-los à produção do meu trabalho de conclusão de curso, tornou-se evidente a transformação entre o "eu" de então e o "eu" de agora, chegando ao final do último semestre.

Este mergulho nas minhas próprias criações revelou uma jornada de progresso e aprimoramento. Os escritos da metade da graduação refletem um estágio anterior do meu desenvolvimento acadêmico, com suas características específicas e abordagens que evidenciam amadurecimento, não somente das ideias, mas também como pessoa. E assim, percebo que esta jornada de autoavaliação e aprimoramento gradual foi e é uma parte fundamental da minha evolução acadêmica e pessoal.

É importante colocar que nem todas as experiências vividas estarão aqui presentes, mas cada uma delas influenciou na construção deste memorial.

### **3 MEMÓRIAS DA PANDEMIA**

Tendo ingressado na Universidade Federal de São Carlos - *Campus* Sorocaba (UFSCar) no ano de 2018, tive a oportunidade de estar no ambiente universitário em sua forma plena, ou seja, pude experienciar tanto a sala de aula e as aulas do curso, quanto os ambientes e eventos externos a ela, além da participação, durante todos os anos da graduação, da entidade estudantil Associação Atlética Acadêmica UFSCar Sorocaba, mais conhecida como Atlética Geral, assim como, os estágios presenciais, neste caso, o estágio não obrigatório, sobre o qual explicarei mais sobre no tópico 3.1. Tive também a oportunidade de fazer parte do Programa de Residência Pedagógica, mesmo que com algumas diferenças, visto que entrei no programa durante o período em que o mesmo estava sendo realizado de forma remota, não tendo a oportunidade de estar na escola nem ao menos uma vez. Dentro do programa, além da participação como residente, realizei parte dos meus estágios obrigatórios, tendo sido eles os dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e de Educação de Jovens e Adultos. Após ter tido a oportunidade de experienciar o estágio não-obrigatório de forma presencial, adentramos o ano de 2020, ano no qual vivenciamos algo que, particularmente, nunca imaginei que viria a presenciar: a pandemia da Covid-19.

#### **3.1 Estágio não-obrigatório**

O estágio não-obrigatório pode ser considerado como sendo uma atividade prática pedagógica a ser realizada durante os anos da graduação. É nomeado desta maneira pois não entra como horas obrigatórias de estágio na grade do estudante, podendo ser considerado somente como horas complementares. Neste formato, de permanência máxima de dois anos em uma mesma escola, o estagiário, que trabalha no máximo seis horas diárias, recebe uma bolsa auxílio, que é definida pela instituição de ensino, assim como o auxílio transporte.

Por estar no estágio, pude acompanhar todo o processo de transição das aulas síncronas para as aulas assíncronas. Esse estágio não-obrigatório vinha sendo realizado em uma escola privada da cidade de Sorocaba, que pude observar na prática o como lidou com a situação atípica. A instituição é localizada em uma região

considerada "de luxo" da cidade, onde estão concentradas pessoas que possuem melhores condições financeiras, além de ser de altíssimo valor morar nos condomínios, prédios e casas que ali foram e vêm sendo constituídos.

Após algumas semanas de aulas iniciadas no ano de 2020, fomos informados de que a escola estaria fechando suas portas, encerrando suas atividades por tempo, até então, indeterminado, sendo que outras escolas já haviam fechado, por conta do vírus que vinha se espalhando e chegando cada vez mais perto. As "portas", em sua forma física, permaneceram fechadas até agosto do mesmo ano, sendo o mês em que retornamos à escola de forma presencial, mesmo que a pandemia estivesse em seu ápice.

Após o fechamento da escola logo nas primeiras semanas de aula, outras portas se abriram, desta vez, portas que não viriam mais a se fechar completamente, sendo este um dos pontos a se destacar neste trabalho, a forma como as tecnologias e a *internet* foram extremamente necessárias durante a pandemia em diversas áreas, incluindo, de forma essencial, a área da educação, que necessitou e muito de ambas.

A escola permaneceu fechada e sem aulas por volta de quase um mês, que foi o tempo que precisaram para estudar e entender as possibilidades. Dentro desse mês os professores receberam algumas formações voltadas aos novos formatos de ensino, com temáticas relacionadas às plataformas digitais que a escola iria utilizar, à formas de planejar com o objetivo de conquistar a atenção dos alunos estando em uma "telinha", dentre outras. Essas formações foram relacionadas à educação remota e sobre todas as plataformas que eram passíveis de serem utilizadas em aulas, incluindo as do *Google* como *Google* Documentos, *Google Drive*, *Google Meet*, *Jamboard*, *Google Sala de Aula*, *Google Earth*, além de algumas outras relacionadas à leitura *online*, *Árvore de Livros*, e como preparar aulas que engajar mais os alunos, e sobre como incluir jogos como aliados à aprendizagem. Os estagiários tiveram a oportunidade de participar de algumas formações pontuais, mas não de todas, eu, por exemplo, participei de uma que falava sobre o *Google Meet* e o *Google Sala de Aula*, para poder auxiliar os professores que eu acompanhava durante as aulas remotas. Apesar de existir conversa entre os funcionários do segmento – professores, estagiárias e auxiliar de coordenação – a sensação era de estar um tanto quanto perdida, principalmente nas primeiras

semanas. Após esse período, iniciaram-se as aulas *online*, tendo duração menor em relação às aulas presenciais, pois na escola, as crianças permaneciam conosco durante o horário do almoço e de outras atividades da rotina do segmento.

Por volta de maio do mesmo ano, atendendo à solicitação dos pais que mencionaram em várias ocasiões as dificuldades em obter materiais para as atividades e em manter as crianças focadas diante das telas, fossem de celulares ou computadores, a escola tomou a iniciativa de convocar parte da equipe pedagógica, aqueles que não possuíam comorbidades, para comparecer fisicamente à instituição, com o propósito de montar *kits* de materiais para os alunos. Estes, predominantemente compostos por elementos artísticos, abrangiam uma variedade de papéis coloridos, folhas brancas, tintas de várias cores, fios como lãs e barbantes, cola líquida, pincéis, entre outros. Além disso, incluíram atividades impressas para os alunos dos anos finais do ensino fundamental I, assim como recortes pré-preparados para atividades de colagem destinadas aos alunos mais novos. Foram também providenciados às crianças recursos para aulas dramáticas, incluindo tiaras com orelhas de animais, tudo concebido e produzido pelos estagiários a pedido dos professores. Em alguns casos, também foram enviados livros de história da biblioteca da escola, mas que deveriam ser devolvidos à mesma após certo tempo. A equipe destinada à montagem foi composta por estagiários, que se deslocaram até a escola, tendo listas de materiais necessários e preparações a fazer criadas pelos professores que acompanhavam, em dias alternados para reduzir possibilidades de aglomeração. Como o seguimento que eu trabalhava possuía uma menor equipe, a maior parte das estagiárias foram convocadas, por ordem da escola, e deveriam ir à escola em dias alternados, assim, a equipe de quatro pessoas, trabalhavam em conjunto para a organização dos materiais.

O objetivo principal era garantir que, mesmo estando em casa, as crianças tivessem acesso a uma variedade diversificada de materiais, buscando promover um engajamento mais ativo e uma maior "presença" durante as aulas remotas. A distribuição dos kits ocorreu através de um sistema de *drive-thru*, onde os pais passavam de carro e os estagiários, auxiliados pelos funcionários da portaria e pela coordenadora pedagógica da educação infantil, entregavam os materiais através das janelas dos veículos.

É relevante abordar mais e dar destaque sobre a equipe de estagiárias à qual eu pertencia, mencionada previamente. Nós éramos um grupo de estudantes, todas provenientes do curso de graduação em pedagogia da UFSCar Sorocaba. Essa semelhança nos permitia compartilhar muitas ideias e concepções educacionais, o que resultava em um entendimento mútuo substancial. Dessa maneira, os momentos que passávamos juntas na escola para elaborar esses materiais não apenas se transformaram em ocasiões produtivas, mas também em oportunidades valiosas, que estavam em escassez por conta da pandemia, para discussões e desabafos que exerciam papel crucial em nossa saúde mental naquele período.

Essas colegas de equipe eram as únicas pessoas com as quais eu interagia pessoalmente, além das outras três da minha família que moravam e ainda moram comigo. Esses encontros proporcionavam uma sensação de conexão e pertencimento, criando um ambiente onde podíamos expressar nossas inquietações e compartilhar nossos pensamentos de maneira significativa.

Os professores que acompanhei durante as aulas remotas adotavam abordagens diversas. Alguns utilizavam slides para explicar conceitos e posteriormente incentivavam discussões, enquanto outros buscavam aulas mais interativas ao introduzir jogos nos quais todos poderiam participar de maneira colaborativa e alinhada ao tema da aula. Essa abordagem tornava as crianças ansiosas pela aula, pois antecipavam que seria divertida de alguma forma. Uma plataforma *online* chamada "Kahoo!" permitia a participação coletiva em jogos de perguntas e respostas, formatados como um *quiz*. Essa plataforma, que tinha como missão "Tornar o aprendizado incrível!", podia apresentar perguntas personalizadas pelo professor, inclusive com o acréscimo de imagens e vídeos.

Na minha perspectiva, um dos desafios enfrentados pela escola e pelos professores era integrar efetivamente os estagiários, uma vez que nosso trabalho, quando presencial, estava fortemente voltado para questões práticas do dia a dia, como a preparação de atividades, orientação dos alunos durante as aulas e nas transições entre ambientes, assistência em dúvidas, dificuldades e até mesmo nos momentos de ida ao banheiro, trocas e outras situações. No ambiente virtual, as oportunidades pareciam ser mais limitadas, então cada professor precisava encontrar formas de engajar não apenas seus alunos, mas também aqueles que estavam em processo de formação para se tornarem educadores.

Para lidar com esse desafio, e não sobrecarregar os professores que eu acompanhava, ofereci sugestões sobre como eu poderia colaborar. Dado que possuía um pouco mais de familiaridade com o ambiente virtual, mesmo que estivesse em processo de aprendizado sobre as plataformas adotadas pela escola, acreditei poder ajudar em algo relacionado e assim contribuir de maneiras que facilitavam a transição para o ensino remoto. As sugestões dadas por mim durante o período remoto eram, em maioria das vezes, aceitas, mas, também auxiliei professores que não aceitavam ideias vindas de estagiários, preferiam manter a "autonomia" como professores e pedir auxílio para os futuros educadores com questões mais relacionadas à prática, como o montar e produzir a partir das suas próprias ideias. Dentre as experiências em que tive espaço para compartilhar minhas ideias e sugestões, senti que me aproximei mais dos próprios professores e dos alunos, uma vez que para produzir e colocar em prática aquilo que eu estava sugerindo, precisei pensar nas peculiaridades de cada turma, e dos próprios professores. Alguns preferiam aplicar eles mesmos as minhas sugestões, comentando com as crianças que eu havia produzido, outros abriram espaço para que eu mesma aplicasse aquilo que havia produzido e preparado para a aula.

Apesar do cenário atípico, vejo a experiência de educação em formato virtual que experienciei nessa escola como tendo sido um exercício de autonomia, pensando em minha formação acadêmica. O ensino presencial frequentemente exigia mais de nossa presença física do que de nosso engajamento mental e conhecimento teórico. No ambiente virtual essa dinâmica se inverte, destacando ainda mais a importância do aporte teórico que vinha sendo adquirido na graduação.

Como traz Nóvoa (1992) em seu livro sobre formação de professores, "a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional." Podemos associar o exercício da autonomia à identidade docente, uma vez que a prática da mesma faz parte e auxilia na construção do educador, ou do futuro educador, que, quando têm liberdade de tomar decisões em sua prática, se sentem

mais engajados e motivados, impactando positivamente no aprendizado dos alunos, e na própria identidade docente.

A construção da autonomia docente não se trata apenas de agir de forma independente, mas sim de ter a capacidade de tomar decisões informadas e contextualizadas, considerando as melhores práticas educacionais e as necessidades dos alunos, permitindo também que os educadores desenvolvam a habilidade de se adaptar a diferentes contextos e desafios.

Auxiliei com a chamada, anotando as crianças que entravam em aula, assim como observando quem estava com a câmera ligada – obrigatório para a presença – e quem trocava ao menos algumas palavras durante a aula, fiquei responsável pelo *chat*, visto que utilizávamos a plataforma *Google Meet* para as aulas remotas e os professores não conseguiam ver as telas das crianças e o *chat* ao mesmo tempo, após algumas semanas também passei a preparar os *quizzes* – na plataforma citada – e pesquisar e estudar novos jogos e plataformas para utilizarmos nas aulas síncronas.

Durante as aulas remotas, uma das coisas que me chamou a atenção foi que mesmo sendo uma escola particular, de alto valor mensal, encontrávamos situações em que o aluno não comparecia às aulas por não ter disponível uma tela, ou que fazia aula sim e outra não, pois dividia a mesma tela que um irmão ou irmã. A educação na pandemia não foi homogênea, principalmente devido às disparidades no acesso a equipamentos eletrônicos e à internet. Eram diversos os cenários ao acessarmos o *link* para a aula. Havia ocasiões em que todos enfrentaram quedas constantes de conexão devido à instabilidade da internet. Em outras situações, os professores não conseguiam conduzir suas aulas pelo mesmo motivo, e eu assumia essa responsabilidade. Além disso, devido ao contexto da pandemia, havia dias em que alunos, ou professores, não conseguiam participar das aulas devido a familiares hospitalizados ou falecimentos.

Essa realidade contradiz aquilo que, por vezes, aprendemos como uma uniformidade nos sistemas escolares, sejam em termos de público/privado ou de escolas de elite/periféricas, demonstrando que existem circunstâncias singulares nos diferentes sistemas educacionais e nas rotinas de cada escola. Consequentemente, não é possível conduzir uma análise baseada em padrões preestabelecidos.

Os meses foram passando e os estagiários, professores, alunos e pais, foram se acostumando com a nova realidade, assim como com as notícias e comentários que às vezes surgiam em aula, relacionados a tudo que estava acontecendo naquele período, e que em alguns momentos substituiu a temática da aula, para as crianças, principalmente para as turmas do fundamental, os momentos de aula eram momentos em que eles tinham o espaço de fala todo para eles, algumas aulas viraram sessões de terapia em grupo, outras rodas de conversas, assim como um tenebroso silêncio.

Pensar na educação na pandemia é pensar na formação para além dos conteúdos. A importância das habilidades socioemocionais foi uma das questões que mais ganhou destaque, pensando que precisávamos encontrar maneiras de manter a conexão e apoiar uns aos outros emocionalmente. Professores se tornaram guias não apenas no aprendizado acadêmico, mas também no manejo de emoções e no cultivo do bem-estar mental dos alunos. A empatia, a compreensão e o apoio se tornaram, ainda mais, partes essenciais da jornada educacional.

A colaboração também tomou papel ainda mais importante. Alunos se ajudavam de forma a superar desafios técnicos, compartilhavam e trocavam experiências sobre como lidar com a nova realidade de aprendizado. A pandemia demonstrou que o ensino transcende as paredes da sala de aula física e que vai muito além, por exemplo, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em agosto de 2020, ainda falando sobre a escola particular, retornamos de forma presencial à sala de aula, ainda estudando possibilidades da volta dos alunos, que não demorou para acontecer. Entre o final de agosto e o começo de setembro, os alunos voltaram de forma presencial à escola, com números reduzidos de crianças que vinham em dias alternados. Foi muito difícil voltar presencialmente no momento de ápice da pandemia, professores e estagiários muito aflitos, crianças, ainda pequenas para entender, que não utilizavam a máscara de forma correta, regras relacionadas à sintomas, e à pandemia em si, não bem definidas, tudo causando muita instabilidade emocional e nervosismo no dia a dia, tanto para os professores e estagiários, quanto para as famílias que deixavam seus filhos ali, muitas vezes por necessidade. Durante os meses que se seguiram toda semana uma sala diferente entrava em quarentena por algum aluno, familiar ou até mesmo professor, testarem positivo para a Covid-19, o que fez com que a parte pedagógica

fosse muito prejudicada, assim como os funcionários, que precisavam se desdobrar para cobrir uns aos outros, até mesmo precisando juntar turmas para que todas tivessem professores. A equipe escolar, a todo momento, precisou se reinventar à medida que as circunstâncias mudavam.

De uma forma ou de outra, durante a minha experiência no estágio remunerado, os alunos tiveram acesso à educação, seja ela através de jogos, *kits* de materiais e atividades, aulas síncronas na plataforma *Google Meet*, fotos, vídeos ou até mesmo quando voltamos ao presencial com aulas e horários com revezamento, e utilizando máscaras e álcool em gel. As crianças tiveram a oportunidade de voltar a conviver, socializar, a brincar e a aprender mais rapidamente, mesmo que não nas melhores condições por conta da pandemia. Mas, acima de tudo, é crucial enfatizar a importância da habilidade do profissional da educação de se adaptar, reinventar e se transformar em cada etapa do processo, desde o fechamento das escolas até o retorno ao ensino presencial, compreendendo que o cenário educacional não voltou a ser como era antes da pandemia; ele passou por uma metamorfose irreversível.

A educação pós pandemia reflete uma nova realidade, na qual as lições aprendidas durante os momentos de distanciamento social continuam a influenciar a abordagem educacional. O ensino híbrido, que combina elementos do ensino presencial e online, emergiu como uma resposta à necessidade de flexibilização. A ênfase na tecnologia e na alfabetização digital persiste. O processo educacional pós pandemia não é um retorno ao passado, é um lembrete constante de que a educação, como a sociedade em si, é fluida e está, e precisa estar, em constante evolução.

### 3.2 Programa de Residência Pedagógica

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) foi realizado de forma completamente diferente de qualquer outra experiência antes vivida por mim. Nós como residentes, enquanto estudantes/professores observadores, enfrentamos muitos desafios pensando na realização dos estágios pedagógicos de forma remota, assim como toda a equipe da escola, professores, gestão, orientação, na qual estes foram cumpridos.

Antes de começar a falar sobre as minhas experiências, é importante explicar sobre o programa. O Residência Pedagógica, desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), possui como propósito central o fomento a projetos institucionais de residência pedagógica conduzidos por Instituições de Ensino Superior (IES). A sua missão fundamental é contribuir para a melhoria da formação inicial de professores que atuarão na educação básica, concentrando-se principalmente nos cursos de licenciatura. Traça objetivos claros para alcançar essa finalidade. Em primeiro lugar, busca fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática dos estudantes que estão matriculados em cursos de licenciatura. Além disso, visa contribuir efetivamente para a construção da identidade profissional desses licenciandos, preparando-os de maneira eficaz para a sua futura carreira docente.

Outra meta crucial é estabelecer uma corresponsabilidade entre as Instituições de Ensino Superior, as redes de ensino e as escolas no processo de formação inicial dos futuros professores. Isso inclui valorizar a experiência dos próprios professores da educação básica, permitindo que eles desempenhem um papel ativo na preparação dos licenciandos para a sua inserção no ambiente profissional. Também incentiva a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica, fundamentadas nas experiências vivenciadas em sala de aula. Isso não só enriquece a formação dos licenciandos, mas também contribui para a construção de um conhecimento pedagógico sólido e atualizado.

Em relação ao funcionamento do programa, é baseado na seleção de projetos institucionais através de editais promovidos pela CAPES. Esses editais estabelecem os requisitos e procedimentos para a participação das Instituições de Ensino Superior interessadas. Os projetos devem ser concebidos e desenvolvidos de forma colaborativa entre as IES, as redes de ensino e as escolas de educação básica, abrangendo múltiplos aspectos e dimensões da residência pedagógica. Como forma de incentivo e de viabilização da participação dos docentes e estudantes no programa, diversas modalidades de bolsas são concedidas, incluindo bolsas para residentes, para coordenadores institucionais, docentes orientadores e preceptores, que desempenham papéis fundamentais na execução e orientação das atividades no programa. É importante citar quem são cada uma das partes envolvidas. O residente é o discente com matrícula ativa em curso de licenciatura que tenham

cursado o mínimo de 50% do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período. O coordenador institucional é o docente da IES responsável pelo projeto institucional de Residência Pedagógica. O docente orientador é aquele que orientará o estágio dos residentes estabelecendo a relação entre a teoria e a prática. Já o preceptor é o professor da escola de educação básica que acompanhará os residentes na escola-campo.

Em abril do ano de 2021 ingressei no citado Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal de São Carlos - *Campus* Sorocaba, que atende escolas públicas, no qual tive a oportunidade de fazer parte da comunidade de uma escola municipal de Sorocaba, localizada em um bairro afastado da cidade, um dos fatos que impossibilitaria a minha participação caso o Residência estivesse em seu formato presencial, pois a sua distância dificultaria a chegada até a escola tanto em relação ao local onde moro quanto em relação ao próprio *campus* da UFSCar, visto que precisaria pegar ao menos três ônibus para conseguir chegar até ela, levando em torno de 2h somente no trajeto de ida ou volta. A região onde é localizada a escola municipal é mais afastada do centro, ficando próxima à margem da cidade, sendo também um bairro mais recente e para onde foram realocadas diversas famílias, de baixa renda, como mães solo, famílias com crianças portadoras de alguma deficiência, dentre outras situações, a escola foi construída visando atender esse público, além da própria região que vem crescendo muito.

Durante o programa, pensando mais na minha participação como residente, mantive contato com profissionais da parte pedagógica e da gestão da escola, proporcionando uma ampla visibilidade, nos limites do remoto, das atividades e questões pelas quais a escola estava passando naquele determinado período. Assim como com todos os residentes da escola e preceptora, com reuniões semanais, além de residentes e preceptores de outras escolas de Sorocaba, em reuniões pontuais marcadas pela professora da UFSCar responsável pelo PRP.

Nossos encontros de equipe com a preceptora eram realizados semanalmente e sempre se mostravam produtivos. Durante essas reuniões, costumávamos apresentar propostas para discussão, ou pela própria preceptora, promovendo momentos de debate construtivo e diálogo aberto a respeito de atividades em andamento e das que estávamos elaborando. Utilizando a plataforma *Google Meet* como meio de comunicação, além do grupo no *WhatsApp*, esses encontros

evoluíram para espaços de conversa mais amplos, abordando todos os acontecimentos do período.

Eles se transformaram em verdadeiras rodas de conversa, proporcionando um espaço para desabafo e discussões abertas. Para muitos de nós, esses momentos representam as únicas oportunidades para abordar tópicos desse tipo, que nos ajudaram a enfrentar as dificuldades e desafios decorrentes da pandemia. Além de cumprir o papel de discussões profissionais, esses encontros também funcionaram como um grupo de apoio, contribuindo para a preservação da nossa saúde mental, o que foi de extrema importância naquele período.

Tive também a oportunidade de participar do Congresso do Programa de Residência Pedagógica, que possibilitou a troca de experiências entre residentes e preceptores de várias Instituições de Ensino Superior do país.

O contato com a escola e com toda a sua comunidade foi realizado através do uso de plataformas digitais e aplicativos de mensagem instantânea como o *Google Meet* e o *WhatsApp*, para que fosse possível conversar com os profissionais com os quais estávamos realizando atividades e também com seus alunos, sendo que em alguns casos, também foi realizado o contato com os pais, além de entender os acontecimentos internos e relacionados às ordens vindas de órgãos como a Secretaria de Educação da cidade, através da participação em reuniões como as de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) gerais e de anos da unidade escolar, dentre outras atividades.

Pensando que na escola particular os professores tiveram formações, durante o tempo sem aulas, voltadas à educação remota, na escola pública não foi de todo diferente. As equipes escolares realizaram estudos relacionados à BNCC e ao Currículo Paulista, como traz o trabalho de Adilene Carvalho, Rosa Pinheiro e Renata Rogich:

"Neste período de suspensão de aulas, a SEDU orientou as equipes escolares sobre a retomada de trabalhos remotos, sem os estudantes, a partir do dia 13 de maio de 2020. Os quais se configuraram em reuniões formativas a serem realizadas por meio de aplicativos de videoconferência - Zoom, Google Meet, Skype e Hangover. As equipes gestoras deveriam organizar estudos sobre a Base Nacional Comum Curricular, o Currículo Paulista, cuja adesão havia se efetivado em 2019[...]" (CAVALHEIRO; PINHEIRO; MERIGHI, 2023, p. 16)

O acompanhamento da escola durou pouco mais de 11 meses, o tempo previsto, como já citado, para a duração do Projeto de Residência Pedagógica, e foi

possível estar presente, da maneira em que nos foi proposta e que era possível, em boa parte do ensino remoto, da volta dos professores à escola, da preparação para o retorno ao presencial e, finalmente, da volta dos alunos e da escola como um todo, ao ensino regular presencial.

Dentro do projeto, três atividades desenvolvidas me marcaram de uma forma diferente: o Projeto Alfa de Beto Letra, a atividade desenvolvida durante um dos primeiros HTPC que participei e o Projeto Saúde e Cidadania, realizado com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

### 3.2.1 Projeto Alfa de Beto Letra

Durante o Residência Pedagógica, desenvolvemos o projeto intitulado "Alfa de Beto Letra", cujo principal objetivo era resgatar a consciência de que cada um de nós possui histórias e vivências únicas, reconhecendo assim a subjetividade de cada indivíduo como um todo. Partimos da necessidade de demonstrar como as histórias são ferramentas importantes na alfabetização e para ampliar a percepção de que somos seres subjetivos com sentimentos e emoções.

O cerne deste projeto estava na missão de reviver a consciência coletiva de que cada um de nós traz consigo histórias e vivências únicas, que moldam nossa identidade. Através dessas narrativas pessoais, buscamos compreender a riqueza da subjetividade humana em sua totalidade. No entanto, muitas vezes essas histórias preciosas ficam esquecidas, silenciadas sob a pressão de um padrão de normalidade imposto. O projeto então surgiu como resposta à necessidade imperativa de resgatar a vital importância dessas narrativas. Almejando evidenciar como as histórias se erigem como ferramentas fundamentais na jornada de alfabetização, mas também como meios cruciais para expandir nossa consciência individual e coletiva.

Em um mundo interconectado e movido por palavras, cada termo que pronunciamos traz em si um eco das histórias ancestrais, as crianças, com suas próprias narrativas e a se engajar em jogos, pesquisas e experimentos científicos que não só eduquem, mas também inspirem. Através deste processo lúdico, as crianças encontram uma plataforma para expressar suas memórias, desejos e reflexões, participando ativamente do processo de construção do conhecimento.

Surgindo no contexto da pandemia da Covid-19, o projeto passou por incertezas por conta do retorno às salas de aula que não tinha previsão de acontecer. Diante dessa realidade, o projeto foi adaptado para funcionar de maneira remota, valendo-se de ferramentas audiovisuais como vídeos e áudio, tudo isso com o intuito de tentar preservar sua essência. Apesar de, por conta de todas as dificuldades apresentadas pelas incertezas, não termos conseguido aplicá-lo da maneira que gostaríamos, sua importância foi além do esperado, pois demandou de nossas ações individuais, como parte da minha construção como futura educadora, para colocar em prática o pensar em novas possibilidades, a capacidade de adaptação, transformação e ainda sim, o dar significado, pensando nas histórias de cada pessoa, além também de abrir portas para o pensamento em voltado às minhas experiências futuras. Hoje, quando penso no projeto e o associo à sala de aula na qual atuo, consigo trazer seus objetivos para o dia a dia, dando voz às crianças, perguntando sobre elas, dando espaço para que compartilhem pensamentos, críticas, histórias, acontecimentos, ideias, sempre pensando em olhar para cada uma como um ser único.

### 3.2.2 Atividade desenvolvida durante o horário de HTPC

Nos primeiros meses em que estive participando do programa, uma questão era recorrente em nossas reuniões: como os professores e toda a equipe escolar estavam lidando com aquele momento conturbado. Nossas reuniões com a preceptora eram sempre muito esclarecedoras e informativas, além de nos proporcionar uma sensação de alívio, pois durante essas conversas, compartilhamos nossas experiências, emoções e sentimentos, buscando apoio mútuo ao longo desse processo desafiador. Foi durante essas reuniões que surgiu a ideia de realizar um trabalho de escuta com a equipe escolar.

Penso que o que possibilitou a aplicação desse exercício de escuta, foi a gestão democrática que é "princípio da educação nacional, presença obrigatória em instituições escolares públicas, é a formação dialogal, participativa com que a comunidade educacional se capacita para levar a termo um projeto pedagógico de qualidade[...]" (CURY, 2007, p. 489).

"A gestão democrática da educação é, ao mesmo tempo, por injunção da nossa Constituição (art. 37) (BRASIL, 1988): transparência e

impessoalidade, autonomia e participação, liderança e trabalho coletivo, representatividade e competência. Voltada para um processo de decisão baseado na participação e na deliberação pública, a gestão democrática expressa um anseio de crescimentos dos indivíduos como cidadãos e do crescimento da sociedade enquanto sociedade democrática." (CURY, 2007, p. 494).

Seguindo o traz Cury (2007) em seu trabalho sobre gestão escolar, a abordagem democrática tem impacto significativo na qualidade da educação e no clima da escola, pois promove o compartilhamento de responsabilidades, a tomada de decisões colaborativas e a valorização das vozes de todos os envolvidos, possibilitando um ambiente de escuta.

Decidimos colocar em prática durante o horário de HTPC. A atividade incluiu a nossa apresentação, como residentes, para que todos pudessem saber ao menos nossos nomes e idades, e uma intervenção artística relacionada às notícias, às ordens e mudanças que estavam acontecendo e que eram passadas à equipe diariamente, à confusão que estava sendo aquele momento. Oferecemos uma atividade de expressão na qual os profissionais foram convidados e incentivados a expressarem seus sentimentos através do desenho ou da escrita, como forma de propor e oferecer um espaço de fala, um momento de acolhimento aos seus sentimentos, medos e angústias.

Foi um momento muito enriquecedor em que pudemos oferecer um suporte emocional à equipe que estava sendo muito cobrada todos os dias, além da sua bagagem pessoal, nos auxiliando a entender melhor o estado emocional da equipe. Dentro da chamada na qual foi realizado esse HTPC, deixamos o espaço de escuta disponível e deixamos para cada pessoa ali presente decidir se gostaria ou não de participar, assim como pensando no resultado da intervenção artística. A maior parte dos profissionais presentes participaram, tanto os professores quanto a gestão, possibilitando interação entre residentes e escola, assim como entre professores de turmas de períodos diferentes, ou até mesmo daqueles que eram mais novos na escola.

Após esse momento, em uma outra reunião com a preceptora, foram compartilhadas percepções em relação à atividade e às falas, assim como propusemos um feedback à orientação da escola, para que a mesma pudesse, talvez, trazer algumas dessas temáticas para futuros HTPCs.

### 3.2.3 Projeto Saúde e Cidadania

Durante o período de ensino remoto, os professores que atuavam na Educação de Jovens e Adultos deram início ao Projeto Pedagógico intitulado "Saúde e Cidadania". O propósito central era proporcionar aos estudantes uma plataforma para expressar suas vozes e opiniões, por meio de uma abordagem profundamente conectada às suas realidades cotidianas e aos ambientes em que vivem. O projeto propunha ser um veículo de reflexões e empoderamento social, buscando estabelecer relações educativas horizontais permeadas por ética, criticidade e profissionalismo docente.

Além de abrir espaço para a voz dos alunos, também se estendia às comunidades periféricas servidas pela escola pública. Através da incorporação do projeto no currículo, os estudantes eram encorajados a entender que suas opiniões e vozes eram relevantes, e que a sala de aula era um ambiente de livre expressão.

Um de seus principais objetivos era criar a oportunidade para reflexão sobre a realidade enfrentada pelos alunos e suas comunidades. Isso se dava por meio de atividades de alfabetização e letramento, abrangendo uma variedade de gêneros textuais, bem como matérias do currículo, incluindo Geografia, História, Ciências, entre outras.

Tendo sido iniciado no formato remoto, à medida que as condições permitiam, o projeto ganhou continuidade de forma presencial, sendo retomado na metade do ano letivo. O processo teve início com o diálogo, possibilitado por meio de áudios enviados pelos estudantes, que tinham acesso à *internet*, aos professores via *WhatsApp*. Questões instigantes como "O que é saúde pública?", "O que é cidadania?" e "Como é a saúde em nosso bairro/município?", foram propostas, incentivando os estudantes a refletirem sobre temas como a cidadania, participação popular e a importância da defesa do Sistema Único de Saúde (SUS). Os alunos eram encorajados a compartilharem suas opiniões sobre o atendimento médico na rede de saúde pública, considerando tanto os aspectos positivos quanto os negativos.

A análise dos áudios enviados pelos estudantes serviu de base para a elaboração de atividades, tanto para aqueles que ainda estavam no ensino remoto quanto para os que já haviam retornado ao formato presencial. Essas atividades eram desenvolvidas em conformidade com as diretrizes da Educação de Jovens e

Adultos, bem como com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Paulista.

O resultado do projeto, pensando no estágio obrigatório que realizamos na EJA, se materializou na forma de uma radiografia pedagógica, um vídeo que espelhava a realidade social dos habitantes de dois bairros, que a escola atendia, em relação à área da saúde. Essa situação trouxe à minha mente ponderações sobre o papel da escola para além das disciplinas tradicionais. Um exemplo é quando, com o propósito de dar significado à aprendizagem dos alunos, uma abordagem centrada na temática de Saúde e Cidadania foi adotada, visando atender às necessidades da própria comunidade. Isso me fez refletir sobre o valor multifacetado da escola na sociedade. No contexto dessa comunidade específica, a escola desempenhou papel fundamental ao incentivar os alunos a examinarem e analisarem suas próprias necessidades, bem como a expressarem críticas em relação à saúde, independentemente de serem positivas ou negativas.

Não havia pensado antes sobre, mas a escola desempenha papel na existência de lutas por direitos, pois estas requerem um entendimento desses direitos. Isso começa com uma indagação simples, como "Você conhece os seus direitos?" – um ponto de partida que gera questionamentos, incitações e até mesmo o despertar do reconhecimento da própria capacidade de reivindicar direitos.

A concepção do vídeo foi inaugurada por meio de reuniões remotas entre os professores da EJA e os residentes que estavam no estágio. Durante essas sessões, exploramos ideias sobre como poderíamos construir o vídeo, fundamentando-o na voz autêntica dos estudantes. A primeira etapa constituiu-se na análise de todos os áudios que haviam sido compartilhados conosco pelos professores. A partir desses registros, conseguimos compilar um único áudio que juntava as vozes dos estudantes. Além disso, acrescentamos imagens da comunidade, da escola, do posto de saúde e das atividades que os alunos haviam realizado presencialmente.

Figura 1 - Nome do projeto



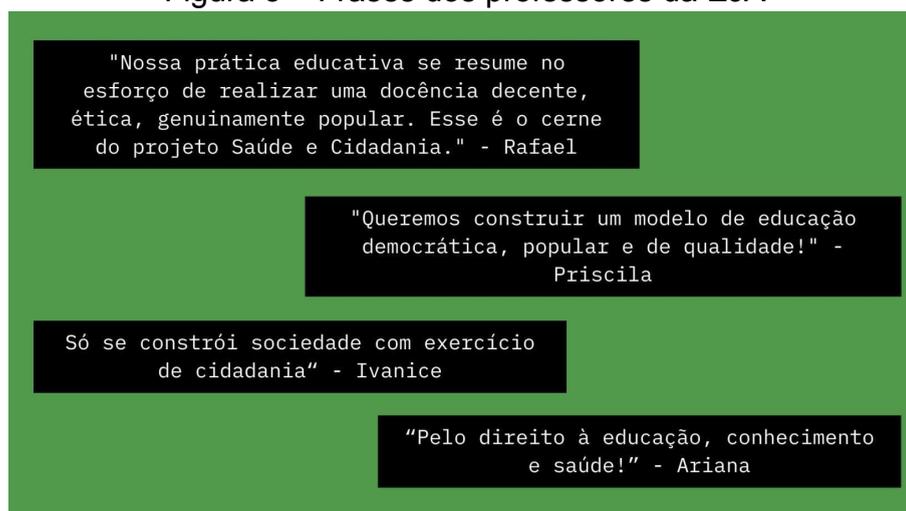
Vídeo do Projeto Saúde e Cidadania (arquivo pessoal - 2021)

Figura 2 - Introdução aos áudios dos estudantes



Vídeo do Projeto Saúde e Cidadania (arquivo pessoal - 2021)

Figura 3 – Frases dos professores da EJA



Vídeo do Projeto Saúde e Cidadania (arquivo pessoal - 2021)

### 3.2.4 Estágio obrigatório

Durante os onze meses do PRP, trabalhando com temáticas presentes dentro do eixo da alfabetização, tive a oportunidade de acompanhar, nos estágios obrigatórios, professores do Ensino Fundamental I e da Educação de Jovens e Adultos, como sendo também da etapa do ensino fundamental. Com todos de forma remota, tanto os residentes quanto equipe pedagógica e gestão da escola, assim como os estudantes, auxiliávamos os professores principalmente com as Atividades Não Presenciais (ANPs), além da participação em reuniões síncronas dos professores da turma e dos HTPC.

Entre os múltiplos problemas enfrentados na pandemia, um dos mais preocupantes foi o agravamento das dificuldades de alfabetização, que é uma etapa crucial no desenvolvimento das habilidades de comunicação e compreensão do mundo ao redor. Nesta fase, crianças aprendem a decodificar palavras, a associar sons às letras e a construir significados por meio da leitura, porém, a mudança para o ensino *online* trouxe inúmeras barreiras para esse aprendizado. Nas experiências trazidas, é importante colocar que pensamos na alfabetização como sendo trabalhada nos anos iniciais do ensino fundamental e também na EJA, que, no caso da escola pública na qual tive as experiências, continham adultos que não haviam finalizado o ensino fundamental.

A discrepância entre a escola particular e a escola pública, pensando em alfabetização, também era grande, pois, acompanhando ambas durante o momento

de ensino remoto, pude perceber que, na escola particular, muitas crianças da turma já estavam alfabetizadas no 2º ano do ensino fundamental, e tiveram a oportunidade de voltar antes às aulas presenciais e continuar trabalhando, de forma mais eficiente, em suas habilidades de leitura e escrita. Já na escola pública, tínhamos muitas crianças que ainda não estavam alfabetizadas e que se encontravam nas primeiras fases do processo da alfabetização e letramento, tendo habilidades de reconhecer algumas letras e sons das mesmas e, em alguns casos, conseguir formar sílabas, tendo a oportunidade de voltar ao ensino presencial quase que um ano depois das crianças da escola particular, o que acabou criando uma diferença ainda maior entre crianças de uma mesma idade, colocando a alfabetização como sendo um trabalho necessário em turmas de 3º, 4º e até mesmo 5º anos.

"No contexto da COVID-19, os professores lançaram mão de seus conhecimentos e experiências vivenciadas nos respectivos percursos profissionais para elaborarem as atividades não presenciais aos educandos. Participaram ativamente, adequando linguagens, usando materiais educativos já conhecidos, como livros didáticos e ferramentas tecnológicas disponíveis em plataforma gratuita, nunca antes utilizadas." (CAVALHEIRO; PINHEIRO; MERIGHI, 2023, p. 18)

As ANPs, na escola pública, eram planejadas, preparadas, impressas e organizadas, para que fossem entregues aos alunos, forma encontrada para que os mesmos pudessem ter acesso à educação durante o período no qual as escolas permaneceriam fechadas. A necessidade da impressão das atividades se deu pela falta de acesso da maior parte dos estudantes à *internet*, que foi algo em comum entre as duas escolas, mesmo que em intensidades diferentes, e mesmo com todas as dificuldades possíveis, além do risco a saúde por conta do vírus, os professores tiveram que lidar com a falta de materiais para que a impressão destas atividades não parasse durante todo o período remoto, que vinha de meses antes do meu ingresso ao programa.

Em um dos HTPC, realizado através da plataforma *Google Meet*, presenciei um momento bastante delicado que ocorreu durante o período remoto: a retirada da impressora da escola. Na reunião, não foi possível entender completamente o que havia acontecido e o motivo dela ter sido retirada, até por conta do número de pessoas que nela estavam, visto que a equipe era, e ainda é, uma das maiores das escola públicas da cidade de Sorocaba, o que em muitos momentos, principalmente nas reuniões *online*, acabava por ser difícil de conversar e de fato conseguir tratar

de todas as questões que precisam ser conversadas com a equipe, mesmo que a mesma fosse bastante organizada.

A impressora, no caso dessa escola, era o que mantinha a ligação entre a escola e o aluno, era o que fazia com que ele tivesse acesso à educação. Tenho lembranças de alguns professores que realizaram impressões em suas próprias casas, para que, de alguma forma, conseguissem continuar entregando as atividades aos alunos, mas não poderiam manter essas impressões por tanto tempo, pois envolveu outras questões além da impressão, mexia também com questões financeiras de cada um, pensando que eram necessários materiais como tinta e papel, além da própria energia. Como já colocado, a maior parte dos alunos não possuía *internet* em casa e nem no celular, o que dificultava até mesmo a comunicação com os professores através de mensagens pelo *WhatsApp*, alguns, durante seus momentos livres, iam até próximo da escola para utilizar o *wi-fi*, que por muitas vezes também não funcionava por falta de sinal na região.

Em meio às dificuldades, uma das soluções, e que poderia trazer de algumas maneiras, melhorias ou formas de fazer com que a educação continuasse chegando aos alunos, ou, pelo menos, a parte deles, era conseguir liberar a verba disponibilizada através da APM (Associação de Pais e Mestres).

A APM, que está prevista na Meta 19, estratégia 19.4, do atual Plano Nacional de Educação (PNE), como forma de garantir a gestão democrática prevista no Art. 14 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), precisa contar com o apoio, através principalmente da inscrição nos cargos, dos pais e professores da comunidade escolar, sendo composta pelos órgãos: Assembleia Geral, Conselho Deliberativo, Diretoria Executiva e Conselho fiscal.

A APM é uma associação sem fins lucrativos que representa os interesses comuns dos profissionais e dos pais dos alunos de uma escola. A ideia é que a opinião deles colabore com a gestão sempre com o objetivo de impactar positivamente na aprendizagem dos alunos e na qualidade da Educação oferecida pela escola. Ela permite que famílias e escola dialoguem, promovendo uma integração da comunidade com a instituição de forma democrática. Portanto, como órgão colegiado assim instituído, ela não deve representar motivos que não sejam estritamente educacionais. (PERGUNTAS..., 2018).

Cada órgão conta com suas responsabilidades e funções, assim, alguns deles precisam ter cargos definidos à determinadas pessoas para que a APM possa funcionar efetivamente, cabendo à Assembleia Geral eleger e destituir os membros

dos outros órgãos. A APM precisa ser obrigatoriamente composta pela quantidade, exigida pelo estatuto, de pais e mestres, caso não, a verba, citada anteriormente, fica bloqueada, o que acabou acontecendo com a escola. Sem conseguir preencher todos os cargos da APM, a escola não pode usufruir da verba, e assim permaneceu durante os meses seguintes. Após a volta ao presencial, como as reuniões eram na escola e não conseguia me comunicar de forma efetiva com a comunidade escolar, não fiquei sabendo se algo mudou.

É importante colocar também o papel que a escola teve durante a pandemia para além da sala de aula, e um exemplo que se pode trazer é a distribuição de cestas básicas como substitutas da merenda escolar. Em abril de 2020, a prefeitura da cidade anunciou que a distribuição seria feita para famílias de baixa renda do município e foi intitulada "Sorocaba Solidária – com solidariedade #vaipassar". A campanha reuniu doações de empresas, empresários e lojistas.

Pude testemunhar também, dentro das possibilidades, a retomada das aulas presenciais e, principalmente, os preparativos para esse retorno. Lembro-me de uma reunião de HTPC em que os professores foram informados sobre as medidas e diretrizes a serem seguidas durante essa retomada, bem como os planos traçados para garantir o distanciamento social nos momentos de entrada e saída dos alunos, que seriam momentos de maior aglomeração. Mesmo por trás de uma tela, foi perceptível a ansiedade dos professores, assim como a perplexidade, o receio e a incerteza. No entanto, também ficou claro o empenho em encontrar formas de enfrentar não só a situação global que estávamos presenciando, mas também os desafios pessoais, além dos profissionais inerentes à função de educador.

Haviam muitas dúvidas pairando e cada indivíduo trazia consigo uma perspectiva única em relação a tudo o que estava sendo abordado. Devido ao tamanho da equipe, a orientação pedagógica solicitou que apenas aqueles que tinham ideias construtivas compartilhassem suas sugestões. Além disso, a sugestão de manter conversas diárias foi apresentada como uma forma de acompanhar a readaptação ao ambiente presencial. Isso envolvia discutir como estavam sendo as dinâmicas de entrada e saída, as idas ao banheiro e os momentos de intervalo.

Ficou evidente que, apesar das complexidades e das incertezas, havia um senso de solidariedade entre os educadores. Cada um estava enfrentando seu próprio cenário novo e desafiador, mas o desejo de encontrar soluções e formas de

lidar com as dificuldades se mostrou notável. A reunião não apenas delineou diretrizes práticas, mas também destacou a importância do apoio mútuo e do trabalho coletivo, para que se pudesse garantir uma volta segura ao ambiente escolar.

Ao concluir o estágio e o PRP, uma mistura de sentimentos se apoderou de mim. Havia tristeza por não poder ter tido a oportunidade de conhecer pessoalmente a equipe da escola, mas, ao mesmo tempo, uma profunda gratidão por ter conseguido, ao menos, estabelecer algum contato com eles. Essa experiência de aprendizado ficou gravada em minha memória como uma fonte de inspiração, em virtude de tudo que os professores dedicaram aos alunos e, conseqüentemente, ao campo da educação.

A todo momento, a equipe se mostrava engajada e pronta para contribuir, enfrentando obstáculos de maneira incansável. Era admirado testemunhar o empenho dos professores em utilizar todos os recursos ao seu alcance para auxiliar os alunos, mesmo diante das inúmeras complexidades. A dedicação mostrada por eles em prol da educação era constante, pois à medida que superavam um desafio, logo surgia outro, perpetuando essa busca contínua por melhores soluções.

Essa luta incessante dos educadores em prol da educação não conhece tréguas. Cada obstáculo superado é apenas uma etapa na jornada, pois novos desafios emergem constantemente. No entanto, é exatamente essa perseverança que define a essência dos professores e a nobreza da sua missão educacional. Eles moldam o futuro por meio do seu comprometimento, adaptando-se às circunstâncias e mostrando que a paixão pelo ensino transcende as dificuldades que surgem.

## 4 OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Através da reflexão durante o processo de escrita das memórias e com a volta ao presencial, em sua forma completa, pude observar dois pontos que me fazem pensar e questionar, assim como a ir atrás de informações. Após esse período de educação remota, pude encontrar e observar crianças que, de acordo com adultos, "não sabem brincar" ou que "não gostam de brincar com outras crianças", preferindo a brincadeira individual ou com adultos próximos, assim, coloco o questionamento: É possível existirem crianças que não sabem brincar?

A outra questão que sempre está presente em meus pensamentos, principalmente durante e após o período da pandemia da Covid-19, é relacionada ao olhar ao professor e ao quanto esse sujeito foi ainda mais esquecido, questionado, desvalorizado e sobrecarregado, características que já eram presentes no período pré pandêmico e que, na minha observação, foram ampliadas ainda mais.

### 4.1 A importância da socialização na infância para a criança

"Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem".

DRUMMOND.

A brincadeira infantil teve diversos impactos com o decorrer da pandemia, os quais foram possíveis observar a partir de alguns fatores como a redução de interações sociais, o aumento do tempo em ambientes internos, o aumento do uso de tecnologias, além da ansiedade e do estresse. Sem poder brincar com outras crianças, ou brincando somente com irmãos e irmãs, mais velhos ou mais novos, assim como com adultos, fez com que precisassem se adaptar à nova realidade. Diversas realidades foram observadas, crianças que brincavam com irmãos mais velhos ou mais novos, outras com os adultos que estavam em casa como mães, pais e avós, assim como crianças que brincavam sozinhas. Existiram também as crianças que nasceram na pandemia, pouco antes dela começar ou também durante ela, que são crianças que tiveram seus primeiros anos de vida dentro de casa, sem contato com outras pessoas, além da convivência com a utilização das máscaras, que impossibilitou a visualização da boca das pessoas quando falavam com elas.

Outra questão que foi reduzida durante esse período, para grande parte das crianças, foi a movimentação de seus corpos. O movimento do corpo infantil tem diversos aspectos, o brincar ativo, por exemplo, frequentemente envolve interações com pares, promovendo não somente o desenvolvimento de habilidades sociais, como também proporcionando oportunidades para o aprendizado colaborativo e o desenvolvimento da linguagem. O movimento do corpo infantil também é uma expressão de emoções e bem-estar. As crianças demonstram alegria, excitação e satisfação através de movimentos enérgicos, como pular, dançar e correr. Como traz Sheila Campos em sua pesquisa sobre a contenção/movimento do corpo "É possível perceber que o movimento faz parte intensamente do cotidiano das crianças. E este não significa todos os dias, mas sim todos os minutos que elas vivem." (CAMPOS, p. 39, 2023).

Pais, no caso daqueles que não perderam seus empregos durante a pandemia, precisaram encontrar formas de trabalhar e entreter as crianças ao mesmo tempo, tarefa muito complicada e com muitos desafios, o que ocasionou no aumento do uso das tecnologias, principalmente das telas. De canais do *YouTube* a animações da *Netflix*, crianças passaram a utilizar desse meio como uma forma de entretenimento, que se tornou um dos principais do dia a dia delas.

A criança precisa de oportunidades e apoio para que possa se desenvolver e se envolver em interações sociais significativas e enriquecedoras, visto que são essenciais para o aprendizado, o desenvolvimento cognitivo, emocional, e a construção de habilidades sociais, como a empatia, a cooperação e a resolução de conflitos, além de auxiliar no desenvolvimento da identidade do sujeito.

Desde os primeiros anos de vida, as interações sociais proporcionam uma base sólida para o crescimento cognitivo, emocional e comportamental das crianças, influenciando diretamente em sua capacidade de compreender o mundo, construir relacionamentos saudáveis e desenvolver habilidades relacionadas a questões sociais e emocionais.

Uma das principais importâncias da socialização está no desenvolvimento das habilidades de comunicação. Através da interação com os outros, as crianças aprendem a expressar suas necessidades, emoções e ideias, bem como a compreender as mensagens verbais e não verbais transmitidas pelas próprias crianças e também pelos adultos. Em seu artigo sobre o impacto da pandemia na

saúde mental e no desenvolvimento neuropsicomotor infantil, Santos, Gontijo e Nunes (2022, p. 2) citam Halpern e Figueiras (2004), que afirmam que a manifestação de riscos ao pleno desenvolvimento infantil pode estar relacionada à interação da criança com seu meio social, sendo a família um sistema social central e imediato em que ocorrem uma série de processos, eventos e relacionamentos, para além das relações da criança com as relações exteriores à família, ou seja, quando pensamos em uma família que passou por todas as crises durante a pandemia, uma família em que os pais precisavam trabalhar e a criança permanecia, em maior parte, sozinha, realizando determinada atividade de forma mais individualizada, mesmo que com a observação de um adulto, ou até mesmo uma criança que teve diversas oportunidades de brincar e de se desenvolver com o auxílio de um adulto mesmo durante esse momento de extrema complexidade, desenvolveu determinadas características que, num período pós pandemia, o acompanhou em suas novas, ou até mesmo primeiras, oportunidades de socialização, causando determinado impacto na criança, como o medo, por exemplo.

Uma memória de alguns meses após o retorno presencial foi de uma mãe, no portão da escola, compartilhando que estava com receio de trazer seu filho, e estava pensando em tirá-lo, pois ele alegava que tinha medo e que em vários dias apresentava dificuldades para ir à escola. Naquele momento, tomei o comentário como motivo de grande reflexão, pois pensei que em casa essa criança não apresentou os sentimentos que a mãe colocou que ele tinha estando na escola, pois ali ele não possuía, possivelmente e a partir do que foi colocado por ela, essas interações que tinha na escola, que eram novas para ele, pois nasceu pouco antes da pandemia começar, tendo crescido e se desenvolvido em seus primeiros anos de vida cercado por seus adultos, por seus brinquedos e em sua casa. A saída pós pandemia para o início imediato da vida escolar não poderia ser totalmente tranquila e fácil, pois estar na escola significava ter que deixar sua mãe ou seu pai para trás, deixar seus brinquedos em casa e ter que dividir os que tinha na escola, ter que dividir a atenção dos adultos que ele tinha disponíveis, e estar em um espaço completamente novo e cercado de crianças com diferentes opiniões, idades e personalidades. Mas penso que tirar a criança da escola nos primeiros sinais de desconforto, poderia acabar fazendo com que ela deixasse de viver esses

momentos tão importantes, relacionados à interação com seus pares, que ela já havia sido privada anteriormente de vivenciar.

A socialização também desempenha papel crucial no desenvolvimento da empatia e da capacidade de se colocar no lugar do outro. Ao interagir com seus pares, têm a oportunidade de, gradualmente, entender as emoções e perspectivas diferentes das suas.

A autonomia e o desenvolvimento do autocontrole também são frutos das interações sociais, ao brincar, elas aprendem a compartilhar, a cooperar, a resolver conflitos, a pedir ajuda, fazendo com que o ambiente ao seu redor se torne uma zona de experimentação, proporcionando momentos para que ela aprenda a lidar com as suas emoções.

É importante trazer, pensando neste contexto, informações sobre o papel que o professor deve assumir. Os educadores exercem função fundamental ao auxiliar na integração da criança oferecendo orientação, apoio e oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais, de valores, assumindo papel de facilitador e mediador. Atuam como modelos transmitindo, através de suas próprias ações e atitudes, como interagir com os outros, resolver conflitos e comunicar-se de maneira geral, além das habilidades de escuta, empatia e colaboração. Também é necessário que o professor crie ambientes de aprendizado inclusivos e acolhedores, incentivando as crianças a expressarem ideias e identidades, contribuindo para a construção de uma mentalidade respeitosa em relação à diversidade desde cedo. Falando em identidade, é no papel do professor onde encontramos uma das bases para a construção e desenvolvimento da identidade da criança.

Outra relevância da socialização é justamente na construção da identidade individual e cultural, pois através dela, a criança é exposta a diferentes valores, normas e costumes, o que contribui para a formação de sua identidade pessoal e para a compreensão do pertencimento. Apresenta o importante papel de transmissão de conhecimentos e habilidades culturais, em diferentes pontos de vista, permitindo que a criança se aproprie de sua herança cultural e desenvolva um senso de pertencimento e identidade cultural.

Pensando no questionamento envolvendo a habilidade da criança de brincar, Brougère (1995) coloca que "as crianças brincam com o que tem nas mãos e com o que tem na cabeça" trazendo para suas brincadeiras "[...]o que vêem, escutam,

observam e experimentam." (PORTO, 2008, p. 3), associando esse saber ao fato da socialização ter sido afetada durante o período pandêmico e das crianças terem experienciado uma vida limitada a pouco contato, ao espaço físico, em muitas vezes, reduzido, a poucos espaços de conversa, de fala, de experimentação do diferente, elas aprenderam, ou reaprenderam, no caso daquelas que já haviam conhecido o mundo pré pandemia, a brincar dentro dos limites que a vida, além dos adultos, estava lhe impondo.

#### 4.2 E quem pensa no professor?

O papel do professor é fundamental na formação da sociedade e na construção do futuro. São os educadores que guiam as mentes de crianças e jovens, incentivando a curiosidade, inspirando o conhecimento e moldando o caráter dos cidadãos do amanhã. Como traz Paulo Freire em seu livro com Myles Horton (2003):

"O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos."

Para entender melhor, é necessário falar sobre identidade docente. Iza et al (2014, p. 275) em seu artigo sobre identidade docente cita Benites (2007) ao explicar identidade. Neste contexto, compreende-se a identidade como um procedimento social de formação do indivíduo enraizado historicamente. No âmbito da identidade profissional, ela se edifica através da interpretação social da ocupação, suas tradições e também das flutuações históricas que a permeiam. A profissão docente, juntamente com outras atividades profissionais, emerge dentro de um cenário como uma resposta às necessidades apresentadas pela sociedade, evoluindo para um corpo estruturado de conhecimentos, acompanhado por um conjunto de regulamentos e valores.

"A presença de uma identidade própria para a docência aponta a responsabilidade do professor para a sua função social, emergindo daí a autonomia e o comprometimento com aquilo que faz. Porém, é importante salientar que o professor adquire estes quesitos por meio da formação escolar, formação inicial, experiências diversas, processos de formação continuada, influências sociais, entre outros. De fato este processo é permanente e está fortemente atrelado à cultura e às demandas que se apresentam em qualquer sociedade." (IZA et al., 2014, p. 276).

Em outras palavras, a identidade docente é algo gradualmente construído ao longo de um processo prolongado, moldado por experiências no decorrer do tempo. Esse processo é essencial para compreender e assimilar os modos de agir, tomar decisões e verdadeiramente internalizar o papel fundamental de moldar as gerações futuras.

Infelizmente, no processo de formação da identidade docente, encontramos diversas facetas, algumas das quais podem assumir uma perspectiva negativa. Esses aspectos menos favoráveis também fazem parte desse todo.

A desvalorização do professor se manifesta de diversas maneiras. Primeiramente, a questão salarial é um dos aspectos mais evidentes dessa problemática. Muitos professores enfrentam baixos salários, que não condizem com a importância de sua função e a responsabilidade que têm sobre o futuro da sociedade. Em abril de 2015, a *British Broadcasting Corporation News* (BBC News) Brasil publicou uma notícia revelando dados preocupantes sobre a remuneração dos professores no Brasil, destacando que eles figuram entre os mais mal pagos em um *ranking* internacional. Essa constatação evidencia uma realidade preocupante para os educadores brasileiros, cujo papel é fundamental na construção da sociedade.

Já em setembro de 2021, a *Cable News Network* (CNN) Brasil trouxe à tona outra questão alarmante, um estudo realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) revelou que menos de 20% dos professores brasileiros estão satisfeitos com o salário que recebem. Essa porcentagem é extremamente preocupante, especialmente quando consideramos a expansiva quantidade de pessoas que exercem a função docente no Brasil.

De acordo com dados disponíveis na plataforma do Ministério da Educação, publicados em outubro de 2022 em relação ao Censo Escolar de 2021, 2,2 milhões de pessoas atuam como professores na educação básica e mais 323.376 no ensino superior. Essa quantidade significativa de educadores insatisfeitos com seus salários coloca o país em uma das piores posições quando comparado a outras nações da América Latina e pior ainda quando comparado a países mais ricos e desenvolvidos.

A falta de reconhecimento financeiro leva ao desestímulo e à insatisfação profissional, afetando diretamente a qualidade da educação que é entregue aos estudantes. Em outubro de 2022, o Instituto Península, para marcar o Dia dos

Professores (15 de outubro), divulgou a pesquisa "Percepção da população brasileira sobre a profissão professor".

"[...]o estudo destaca que 98% dos brasileiros acreditam que os professores são capazes de transformar vidas e que, para 76%, os professores brasileiros são competentes. Contudo, 72% reconhecem que a profissão docente não é valorizada quando comparada com outras como médicos, engenheiros e advogados, sendo que 74% acreditam que seja tão ou mais difícil ser professor. Além disso, apenas 20% da população acredita que os professores tenham melhores condições de trabalho do que outras profissões."

Além disso, a falta de investimentos na educação reflete-se também na infraestrutura precária das escolas e na carência de recursos didáticos adequados, professores tiram do próprio bolso para comprar materiais para uma aula de melhor qualidade para seus alunos ao ouvirem "não" das escolas, por falta de recursos ou de má gestão. Com ambientes de trabalho desfavoráveis, com turmas grandes, poucos materiais de apoio, sem ou com pouca assistência em sala de aula, o processo de ensino-aprendizagem é prejudicado e o professor é colocado sob mais cargas.

Juntamente com suas responsabilidades relacionadas à sala de aula, ao aluno como indivíduo, aos pais, aos planejamentos, materiais, dentre outras, o professor é pressionado e cobrado a todo tempo por resultados, além do excesso de burocracia. A obrigatoriedade do cumprimento de metas, conteúdos e da aplicação de avaliações padronizadas, nem sempre considera as especificidades de cada turma e o contexto escolar, o que pode gerar um ambiente de trabalho ainda mais estressante e dificultar o desenvolvimento de abordagens pedagógicas significativas, além do sentimento de frustração ao não cumprimento de tudo que lhe é imposto.

Para além da função pedagógica, como evidenciado pelas experiências apresentadas neste estudo, é notável que o papel do professor abrange uma diversidade de outras responsabilidades e dimensões. Estas não apenas se vinculam aos alunos e suas famílias, mas também se estendem aos profissionais emergentes no campo da educação, enriquecendo ainda mais a complexidade do papel docente.

Neste contexto, os professores transcendem a mera transmissão de conhecimento e tornam-se guias que moldam e influenciam o desenvolvimento dos futuros docentes, compartilhando experiências e fornecendo orientação prática que

vai além dos conteúdos que são vistos na graduação, contribuindo para uma nova geração de educadores mais preparados e conscientes dos desafios e responsabilidades inerentes à profissão.

Assim colocado, um dos grandes fatores que colocam a profissão numa posição de baixa qualidade de trabalho está relacionado à saúde mental.

Realizada pela Nova Escola, em parceria com o Instituto Ame Sua Mente, a pesquisa "Saúde Mental dos Educadores 2022" traz uma análise dos impactos da pandemia na saúde mental dos professores. Mais de 5 mil profissionais, incluindo professores e gestores de todos os estados do país e do Distrito Federal, participaram do levantamento, sendo a maioria proveniente da rede pública (84,6%). Os resultados revelaram um aumento significativo no número de educadores que classificam sua saúde mental como "ruim" ou "muito ruim" em comparação com o ano anterior, passando de 13,7% para 21,5%. Vale ressaltar que em 2020, esses números chegaram a 30,1%.

As consequências negativas mais citadas na pesquisa contam com sentimentos intensos e frequentes de ansiedade (60,1%), baixo rendimento e cansaço excessivo (48,1%) e problemas com sono (41,1%). São apontados outros problemas relacionados à dificuldade de socialização e isolamento, sensação de tristeza e aumento do consumo de psicoativos e álcool.

Outro ponto trazido pela pesquisa que é de extrema importância citar é quantos profissionais puderam contar com apoio médico e psicológico para enfrentar todas as questões. Os números são bastante baixos, somente 7,1% dos educadores que participaram da pesquisa tiveram acesso ao auxílio à saúde mental.

Um conceito, que vem ganhando força, também é citado, a Síndrome de Burnout.

"A Síndrome de Burnout, ou esgotamento profissional, é um fenômeno psicossocial em resposta aos estressores crônicos presentes no ambiente do trabalho, com consequências negativas em âmbito individual, familiar, profissional e social." (KOGA et al., 2015, p. 268).

A síndrome, que é caracterizada pela exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal no trabalho, é uma característica que afeta os profissionais da educação, principalmente devido às intensas demandas emocionais e ao estresse crônico associado à profissão docente.

É muito comum, ao conversar com professores ao redor da escola, escutar desabaços relacionados ao cansaço, à falta de criatividade, de vontade e de exaustão mental, mas o que não é comum é escutar que estão tendo acompanhamento psicológico para todas essas sensações, ou falta de, que estão sentindo. Como trouxe a pesquisa da Nova Escola citada anteriormente, que fala sobre a piora na saúde mental dos professores, poucos são aqueles que procuram por esse auxílio ou ao menos tem acesso a ele. Além dos comentários citados, também são escutados aqueles relacionados à falta de apoio dentro da própria escola, principalmente vindo da gestão, seja direção ou coordenação, e muito pelo contrário, a cobrança excessiva por resultados, burocracias e até mesmo relacionadas a planejamentos ou formas como os professores estão ensinando, são sempre citadas.

## 5 CONCLUSÕES

No livro "Pedagogia da Autonomia" (1996), Paulo Freire aborda um tópico, dentro de um de seus capítulos, que intitula "Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática". Considero que essa frase tem uma conexão direta com a abordagem presente neste trabalho.

Ao revisitar o passado e resgatar as memórias, juntamente com as leituras que foram realizadas para aporte teórico e análise nessa pesquisa, deparei-me com a oportunidade de uma reflexão profunda sobre as práticas de ensino que testemunhei com outros educadores e das quais eu mesma propus e participei. Nessa perspectiva, percebi que a concepção de escola que defendo está intrinsecamente ligada às experiências que vivenciei no passado, tanto consideradas como positivas quanto negativas.

Para que exista reflexão sobre a prática, pensando em minhas experiências como futura docente, é necessário olhar para essas memórias e lembranças em sendo parte integrante e importante da minha construção como educadora, neste caso, pode-se entender, a partir das leituras realizadas, que fazem parte da constituição da minha identidade docente. No processo de construção dessa identidade, encontramos a autonomia.

Durante a pandemia da Covid-19, como foi trazido no percorrer pelas memórias, tive a oportunidade de desenvolver essa autonomia, não somente como estagiária, mas também como preparação docente. É possível argumentar que, caso a pandemia não tivesse acontecido, talvez eu não teria tido a chance de iniciar o processo de desenvolvimento da minha autonomia docente, lá no ano de 2020, que hoje vejo como tendo sido essencial para a construção de como atuei como educadora. De fato, o contexto do ensino remoto trouxe à tona práticas pedagógicas que o ambiente presencial, em virtude de diversas limitações impostas pelo cotidiano escolar, ainda não havia me proporcionado.

A citação de Paulo Freire, neste contexto, ressoa de maneira significativa, uma vez que a reflexão crítica sobre as práticas passadas e presentes é essencial para a construção da identidade e autonomia docente.

Para além das experiências que o ensino remoto me proporcionou, ressalto o quanto foram significativas e de extrema importância para a minha formação as práticas que tive durante a formação inicial. Estágios obrigatórios e o

não-obrigatório, assim como a minha participação no Programa de Residência Pedagógica; sem todas essas experiências que tive durante a graduação, as memórias trazidas neste trabalho não existiriam, assim como a identidade que hoje tenho como profissional da educação, além da visão e concepção de educação que acredito e que quero proporcionar para os meus futuros alunos.

É preciso colocar também o importante papel que as equipes escolares desenvolveram durante a pandemia. Em meio aos desafios impostos, as escolas enfrentaram uma série de dificuldades que destacaram a importância crucial da educação e do papel incansável dos professores. A transição para o ensino remoto revelou disparidades profundas, sendo o acesso limitado à internet e à tecnologia uma barreira, dentre várias, para muitos estudantes. Neste cenário complexo, os professores emergiram como verdadeiros heróis. Sendo uma das profissões que mais precisou se reinventar durante a pandemia, eles enfrentaram o desafio de adaptar métodos de ensino, repensar conteúdos e manter os alunos engajados à distância. Todos os desafios que surgiram, as formas como as equipes lidaram com a educação à distância, com a preparação dos professores para as dificuldades que enfrentam, entre tantas as características que cada escola teve dentro de todo esse contexto, mostrou que não existiu, e que não existe, um padrão na educação.

Porém, o que foi destaque foram os próprios profissionais da educação, que mesmo com todas as dificuldades que foram surgindo, se adaptaram da maneira como puderam a novas plataformas, ferramentas digitais, além da constante procura por maneiras criativas de manter vínculo com seus alunos, que foi, como vimos no decorrer do memorial, até mesmo tirando "de seu próprio bolso". A força do professor como facilitador do aprendizado tornou-se ainda mais evidente, visto que, sem eles, muitos alunos teriam sido privados de acesso à educação durante a pandemia da Covid-19.

Espero que este memorial possa servir como uma forma de se entender os processos e caminhos educativos pelos quais percorrem os educadores durante seu processo de formação e as práticas remotas possíveis exercidas no período pandêmico, como importante registro para vislumbrar novos caminhos nos processos educativos. Ressalta-se também a importância de valorização das práticas educativas como campo de pesquisa nos programas de extensão e estágios na formação inicial, e como a identidade docente, de cada um deles, é formada por

"pedacinhos" dessas experiências, de sua própria história de vida, pelas suas lembranças e memórias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marcelo; MACAUS, Marcelo. **Prefeitura começa a distribuição de cestas básicas na segunda-feira**. Sorocaba, 08 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.sorocaba.sp.gov.br/prefeitura-comeca-a-distribuicao-de-cestas-basicas-na-segunda-feira/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BBC NEWS (Brasil). Professores no Brasil estão entre mais mal pagos em ranking internacional. **BBC News**, [S. l.], 30 abr. 2015. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150430\\_educacao\\_eficiencia\\_pu](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150430_educacao_eficiencia_pu). Acesso em: 2 ago. 2023.

BRASIL. **Decreto n.º 12.983 de 15 de dezembro de 1.978, modificado pelo Decreto n.º 48.408 de 6 de janeiro de 2.004**. Estatuto Padrão das Associações de Pais e Mestres - APM, Brasília, DF, 6 jan. 2004.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE). Brasília: MEC, 2001.

CAMPOS, Sheila Garbulha Tunuchi de. **Repertório sobre a contenção/movimento do corpo: percepções das professoras da educação infantil sobre a prática corporal em tempos de pandemia**. 2022. 127 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16834>.

CARDOSO, Cristine A.; FERREIRA, Valdivina A.; BARBOSA, Fabiana C. G. **(Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, v. 7, n. 3, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/issue/view/24>. Acesso em: 22 de julho.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Construindo o saber: técnicas de metodologia científica**. Papyrus Editora, 1989. Acesso em: 20 ago. 2023.

CAVALHEIRO, Adilene F. C.; PINHEIRO, Rosa A.; MERIGHI, Renata C. R. Sinal de alerta: experiências educacionais no contexto de pandemia da COVID-19 nos municípios de Sorocaba e Votorantim/SP. **Questio: revista de estudos em educação**, v. 25, p. 1–24, 2023. e-ISSN 2177-5796.

CNN (São Paulo). Insatisfação com salário reflete quadro de desvalorização de professores no país. **CNN Brasil**, São Paulo, 20 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/podcast-e-tem-mais-professores-enfrentam-baixo-salario-e-pouca-perspectiva/>. Acesso em: 20 maio 2023.

CURY, C. R. J. A gestão democrática na escola e o direito à educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, [S. l.], v. 23, n. 3, 2011. DOI: 10.21573/vol23n32007.19144.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/19144>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CURY, C. R. J. Educação escolar e pandemia. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n.1 (1 sem. 2020) - ISSN 2175-7003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23749/16761>. Acesso em: 06 set. 2022.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. ISBN 9788532628152.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 148p., 1996.

HALPERN, R.; FIGUEIRAS, A. C. M. Influências ambientais na saúde mental da criança. **Jornal de Pediatria**, 80(2), p. 104 - 110, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300013>. Acesso em: 21 jul. 2023.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Percepção da população brasileira sobre a profissão professor**. [S. l.]: Instituto Península e Ipec, 2022. Disponível em: [https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2022/11/RELATORIO\\_FINAL\\_INST\\_PENINSULA\\_3.pdf](https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2022/11/RELATORIO_FINAL_INST_PENINSULA_3.pdf). Acesso em: 25 jul. 2023.

IZA, D. F. V.; BENITES, L. C.; SANCHES NETO, L.; CYRINO, M.; ANANIAS, E. V.; ARNOSTI, R. P.; SOUZA NETO, S. de. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 273–292, 2014. DOI: 10.14244/19827199978. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/978>. Acesso em: 23 ago. 2023.

LYRA, Thaís. **Pesquisa revela que saúde mental dos professores piorou em 2022**. [S. l.], 10 out. 2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21359/pesquisa-revela-que-saude-mental-dos-professores-piorou-em-2022>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Programa de Residência Pedagógica**. 17 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Dados revelam perfil dos professores brasileiros**. [S. l.], 14 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/dados-revelam-perfil-dos-professores-brasileiros#:~:text=Ao%20todo%2C%202%2C2%20milh%C3%B5es,e%20323.376%2C%20no%20ensino%20superior>. Acesso em: 30 maio 2023.

NASCIMENTO, Paulo A. Meyer M.; RAMOS, Daniela Lima; MELO, Adriana Almeida

Sales de; CASTIONI, Remi. **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia.** [S. l.]: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2020. 22 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10228>. Acesso em: 21 jul. 2023.

NÓVOA, António. A escola e a cidadania: apontamentos incómodos. In: D'ESPINEY, Rui, (Org.) **Espaços e sujeitos de cidadania.** Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas, 2006. ISBN 972-96048-9-4.2006.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente.** 1992.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/OMS. **Folha informativa sobre COVID-19.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 29 jul. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PORTELA, Diego Jales et al. Revisão da literatura: Impactos da diminuição da socialização no desenvolvimento infantil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33796>. Acesso em: 21 jul. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Camila M. F.; GONTIJO, Daniele R.; NUNES, Caroline J. R. R. O impacto da pandemia na saúde mental e no desenvolvimento neuropsicomotor infantil: o brincar em grupo enquanto estratégia de intervenção possível na atenção primária à saúde. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 17, dez. 2022.

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **RADIS: Comunicação e Saúde**, n. 215, p. 10-15, ago. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43180>. Acesso em: 30 jul. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO (Brasil) (org.). **Perguntas e respostas: o que é e como funciona uma associação de pais e mestres (APM)?**. [S. l.]: Todos Pela Educação, 5 fev. 2018. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/apm-o-que-e-e-como-funciona/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (Covid-19) pandemic.** [S. l.] 2023. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 29

jul. 2023.